

NÁDIA RUBIO PIRILLO & MARCEL ANTONIO VERRUMO

PRÁTICAS SOCIAIS E O FENÔMENO DAS MASSAS: O DESENVOLVIMENTO DA IMPREENSA MODERNA

*LAS PRÁCTICAS SOCIALES Y EL FENÓMENO DE
LAS MASAS: EL DESARROLLO DE LA PRENSA
MODERNA*

*SOCIAL PRACTICES AND THE PHENOMENON
OF THE MASSES: THE DEVELOPMENT OF THE
MODERN PRESS*

Nádia Rubio Pirillo: Universidade Estadual Paulista (Bauru-SP, Brasil). Mestre em Comunicação e bacharel em Comunicação Social: Jornalismo pela Unesp com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Contato: nadia_aps@hotmail.com

Marcel Antonio Verrumo: Universidade Estadual Paulista (Bauru-SP, Brasil). Mestre em Comunicação com bolsa CAPES e graduado em Comunicação Social: Jornalismo pela Unesp, com parte da graduação cursada na Universidad Nacional de Córdoba (Argentina), com bolsa AUGM e Fapesp.

Contato: marcel.verrumo@yahoo.com.br

ISSN (2236-8000)

resenha

RESENHA DE:

BERGER, C. (org.); MAROCCO, B. (org). **A era glacial do jornalismo:** teorias sociais da imprensa, v.2. Porto Alegre: Sulina, 2008. 191 p. ISBN: 978-85-205-0489-5.

Organizado pelas jornalistas e doutoras Christa Berger e Beatriz Marroco, o segundo volume do livro *A Era Glacial do Jornalismo – Teorias Sociais da Imprensa* apresenta textos clássicos inéditos em Língua Portuguesa de três teóricos estadunidenses fundamentais da Comunicação: Edward A. Ross (1866 – 1951), Robert Park (1864 – 1944) e Walter Lippmann (1889 – 1974). Enquanto o primeiro volume aborda a imprensa e outras instituições políticas da Alemanha no período pós-Primeira Guerra Mundial, essa nova versão apresenta reflexões sobre a imprensa estadunidense do início do século XX, período de uma modernidade nascente, na qual emergiam os grandes centros urbanos, desenvolviam-se tecnologias e a imprensa começava a virar um fenômeno de massas. Embora a partir de perspectivas diferentes, parece haver uma linha condutora, espécie de diálogo, entre os textos reunidos de Ross, Park e Lippmann. De ângulos e contextos histórico-sociais distintos, os três autores lançam vozes que perpassam a mesma discussão – os desafios e perspectivas da Comunicação em uma sociedade massiva.

Essa tríade de pensadores levanta como problema da comunicação as relações promíscuas entre imprensa, economia e política, tema que, hoje, ainda parece ser tão atual por se presenciar uma sociedade em que a informação tem valor capital e na qual gêneros jornalísticos que fundem publicidade e jornalismo, como o Publieditorial, despontam. No entanto, o contexto histórico em que os três pesquisadores estavam inseridos era outro: o início do desenvolvimento de imprensa moderna, em que jornais e veículos de comunicação se submetem a empresas e conglomerados nascentes. Em *A supressão das notícias importantes*, publicado em 1910, Ross aponta que um dos perigos da imprensa era submeter-se à estrutura do capitalismo, o qual poderia usá-la para transmitir suas mensagens e ocultar o que não lhe é interessante. Nessa celeuma, o pesquisador cria um conceito de “vacas sagradas”, anunciantes que influenciam a linha editorial do veículo de comunicação a tal ponto que seus interesses influenciam os critérios de noticiabilidade. Quase um século após esse texto ser escrito e em um momento no qual o capitalismo e a sociedade urbano-industrial, então nascentes, já se firmaram, resta a pergunta: será que, ainda hoje, os interesses dos grandes anunciantes não condicionam o conteúdo das mensagens jornalísticas?

Aliás, a influência da economia sobre os veículos de comunicação parece ganhar importância em um terreno desenhado nos argumentos presentes nos textos de outro teórico do livro, Robert Park. Esse pesquisador indica que, na sociedade de massas urbana-industrial, os meios de comunicação pautam as conversas cotidianas – mais tarde, outros teóricos criariam a teoria da *agenda setting* – e, mais importante do que os bens físicos, são os bens simbólicos, dentre eles a informação. Nesse contexto apresentado por Park, as considerações de Ross, apresentadas anteriormente, ganham sentido. Intrínseco nessa discussão, um dos grandes desafios é que tais notícias – construídas a partir de interesses econômicos e políticos –

definem a opinião pública, assunto trabalhado pelo terceiro pesquisador, Walter Lippmann. Ele chega a exemplificar sua tese com uma questão que, outra vez, soa atual: a de que os jornais dos Estados Unidos alimentam os leitores com dogmas e estereótipos que valorizam alguns líderes, os quais deveriam ser seguidos em nome da democracia até uma guerra.

Talvez, do trio, o teórico que mais tenha se debruçado sobre a questão da produção de notícias seja Robert Park, a quem é cara a discussão sobre a função da notícia, suas características e o tipo de conhecimento que elas proporcionam. Enquanto produto construído por uma indústria movida por interesses econômicos e políticos, a função social da notícia seria, de acordo com ele, a de controle social, ou seja, o texto noticioso seria uma extensão das catracas sociais cotidianas. Já sendo moldadas a partir desses interesses, que tipo de conhecimento elas proporcionam? Em um de seus textos clássicos, *News as a form of knowledge*, publicado em 1940, Park estabelece duas formas de conhecimento possíveis: *acquaintance with* (familiaridade com as coisas) e *knowledge about* (conhecimento sobre as coisas). Embora os conceitos sejam semelhantes e, em muitos momentos, a delimitação seja de difícil estabelecimento, a distinção fundamental é que, enquanto estar familiarizado com um tema pressupõem analisá-lo pouco e apenas perceber suas relações (definição que indica algo mais intuitivo), ter o conhecimento de um conteúdo está além: implica estabelecer relações mais sólidas entre as mensagens/fatos e articulá-las e sistematizá-las de maneira mais explícita. A definição parece não ser clara em muitos momentos do artigo, mas, em última instância, parece-nos necessária uma indicação: o *acquaintance with* se estabelece como uma fase para se chegar ao *knowledge about*, ou seja, para se sistematizar uma grande quantidade de conhecimentos, é preciso, anteriormente, reuni-los mesmo que de forma desordenada. Nesse debate teórico, surge outra diferenciação que nos parece fundamental: enquanto o conhecimento jornalístico é mais elementar, o histórico já é sistematizado, ou seja, já reúne informações interpretadas. Todavia, ainda assim, a informação jornalística assume uma importância expressiva para orientar a população em discussões políticas e econômicas, além de ser prioritária para formar sua base cognitiva para interpretar a realidade.

Na perspectiva de Lippmann, a notícia não é um acumulado desordenado de ideias incertas, sem sistematização, mas um relato verídico embasado em uma seleção rigorosa de palavras e testemunhos. Seu texto dialoga com uma série de teorias da comunicação desenvolvidas posteriormente, como a Teoria Organizacional. Para ele, na construção da notícia, mais importante do que os valores e intenções do repórter, está o contexto social, organizacional e cultural em que esse profissional está inserido. Finalmente, as ideias de Ross sobre a construção noticiosa já foram apresentadas: os critérios ligados à noticiabilidade relacionam-se aos interesses econômicos dos anunciantes, os quais têm seus valores perpassados em toda a estrutura editorial do texto jornalístico.

Portanto, embora escritos em diferentes décadas, as ideias do livro foram abordadas em um momento em que uma sociedade industrial, cada vez mais urbana e dependente de tecnologias, edificava-se. O contexto histórico comum faz com que, mesmo de ângulos diversos, as inquietações dos três teóricos sejam semelhantes: como se estruturará a imprensa

em uma sociedade na qual a informação é um bem tão valorizado e, simultaneamente, influenciada por interesses para além do campo jornalístico, os interesses comerciais. E como pensar a notícia nesse cenário que começa a se desenhar? Embora os três apenas nos deem indicativos de caminhos a serem trilhados, como a regulamentação da profissão ou a criação de mais faculdades de jornalismo, a discussão parece ser, quase um século depois, contemporânea.

REFERÊNCIAS

LIPPMANN, Walter. **A natureza da notícia**. In: BERGER, C. (org.); MAROCCO, B. (org). A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa, v.2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento**: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, C. (org.); MAROCCO, B. (org). A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa, v.2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

ROSS, Edward. **A supressão das notícias importantes**. In: BERGER, C. (org.); MAROCCO, B. (org). A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa, v.2. Porto Alegre: Sulina, 2008.